

A GUERRA EUROPEIA NÃO TEM FIM

Por Gabriel Camilli*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A visão de Brzezinski sobre o domínio americano na Eurásia deu lugar a uma Rússia resiliente, uma Índia desafiadora e uma China em ascensão, com um domínio crescente na indústria manufatureira global.

A recente cúpula da Organização de Cooperação de Xangai em Tianjin, na China, ofereceu um quadro vívido de uma ordem global em transformação. Imagens do primeiro-ministro indiano Narendra Modi, do presidente russo Vladimir Putin e do presidente chinês Xi Jinping compartilhando sorrisos e abraços calorosos revelaram um realinhamento que poucos poderiam ter previsto no início de 2025. Tendo como pano de fundo um “memorando vinculativo” para o gasoduto Power of Siberia 2 (POS-2), que fornece gás natural russo à China, esta cúpula não foi um mero exercício de relações públicas. A cúpula marca uma profunda mudança na geopolítica energética global, destacando o declínio da Europa rumo à irrelevância, as dificuldades competitivas enfrentadas pelas exportações de GNL dos EUA e o fracasso retumbante da visão do ex-Conselheiro de Segurança Nacional Zbigniew Brzezinski de supremacia estratégica dos EUA sobre a Rússia, construída em grande parte durante a tumultuada década de 1990.

Os Estados Unidos, em sua busca pela hegemonia eurasiana, alienaram um aliado crucial como a Índia, aproximaram a Rússia e a China e deixaram a Alemanha — antes uma potência industrial — prostrada. Esta é uma história de arrogância, erros de cálculo e consequências não intencionais.

Relembre: O livro *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives* (1997) é uma das obras mais importantes de Zbigniew Brzezinski, que atuou como Conselheiro de Segurança Nacional dos EUA de 1977 a 1981 sob o presidente Jimmy Carter.

Considerando a massa terrestre eurasiana como o centro do poder global, Brzezinski se propõe a formular uma geoestratégia eurasiana para os Estados Unidos. Em particular, ele escreve que nenhum rival eurasiano deve emergir capaz de dominar a Eurásia e, assim, também desafiar a preeminência global dos Estados Unidos. Grande parte da análise de Brzezinski concentra-se na geoestratégia na Ásia Central, com foco no exercício de poder sobre a massa terrestre eurasiana em um ambiente pós-soviético.

UM NOVO EIXO ENERGÉTICO

A cúpula de Tianjin cristalizou uma nova realidade geopolítica. A calorosa camaradagem entre os líderes da Índia, Rússia e China — três das cinco maiores economias do mundo — indicou um alinhamento crescente, não apenas na retórica e na aparência, mas também em alianças energéticas tangíveis. O memorando vinculativo para o POS-2, um gasoduto de 50 bilhões de metros cúbicos que transportará gás dos campos russos de Yamal para a China via Mongólia, é um pilar desse realinhamento.

Ao contrário do atual Power of Siberia 1, que extrai gás de Irkutsk (norte da Mongólia), o POS-2 explora as mesmas reservas árticas em Yamal que outrora alimentaram o poderio industrial alemão por meio século. Durante décadas, a prosperidade alemã baseou-se em uma barganha: gás russo barato em troca de exportações de produtos alemães de alto valor. Esta foi a essência da *Ostpolitik* (“política oriental”) de Willy Brandt e a base da ascensão da Alemanha como potência econômica europeia.

A mudança de direção da Rússia para a Ásia, acelerada pelas sanções ocidentais desde 2014 (após a anexação da Crimeia) e intensificada em 2022, está tomando forma. Com o POS-2 e a expansão dos gasodutos existentes, a Rússia poderá fornecer à China até 100 bilhões de metros cúbicos de gás por ano após 2030, quando o novo gasoduto estiver operacional.

Isso é significativamente menor do que os 150 bcm que a Rússia exportou para a Europa em seu pico. Além disso, o preço do gás natural russo vendido à China, sensível a preços, será significativamente menor do que o recebido de seus clientes europeus. No entanto, essa reorientação, embora custe à Rússia a perda de receita devido a preços e volumes mais baixos, alivia significativamente a segurança econômica da Rússia após a sabotagem do gasoduto Nord Stream.

Também reduz a dependência da China do GNL marítimo, que normalmente é de duas a quatro vezes mais caro do que o gás canalizado. Essencialmente, isso reduz a vulnerabilidade da China ao domínio naval dos EUA em pontos críticos como o Estreito de Ormuz e o Estreito de Malaca, por onde todas as exportações de gás do Oriente Médio para a China devem passar.

INTERESSES ECONÔMICOS

Segundo o coronel espanhol Pedro Baños: “*A Polônia se recusa a reabrir sua fronteira com a Bielorrússia. Esta decisão impede a China de utilizar uma rota comercial que movimenta aproximadamente € 25 bilhões anualmente. Quase 90% do transporte ferroviário de mercadorias entre a China e a União Europeia passa pela Polônia, mas esta rota está atualmente suspensa devido às manobras ‘Zapad 2025’ e aos últimos desenvolvimentos relacionados a supostos drones russos que entraram em território polonês. Pequim solicitou a Varsóvia que restaurasse a rota (vital para plataformas como Temu e Shein), mas após três horas de negociações, o ministro das Finanças polonês, Sikorski, recusou. Dado que as rotas marítimas são mais lentas e o transporte aéreo é até 30% mais caro, as cadeias de suprimentos comerciais europeias, incluindo o comércio eletrônico, correm o risco de sérias*

interrupções. Esta situação ilustra a crescente tensão geopolítica e as pressões que a China recebe na Europa, em grande parte incentivadas pelos Estados Unidos. Veremos como a decisão da Polônia se desenrola, por quanto tempo ela conseguirá manter esta decisão e, acima de tudo, a posição de Bruxelas e dos demais países europeus afetados.”

O RESULTADO DO LEGADO DE BRZEZINSKI

No cerne das mudanças geopolíticas provocadas pela cúpula de Tianjin está o fracasso da visão de Zbigniew Brzezinski, articulada em seu livro de 1997. Essa visão tornou-se um princípio central do movimento neoconservador americano, abrangendo governos democratas e republicanos.

Brzezinski argumentou que a hegemonia dos EUA sobre o território eurasiano exigia a quebra da complementaridade econômica natural entre a Alemanha e a Rússia. A Alemanha fornecia sua capacidade industrial em troca de energia barata e outros recursos naturais da Rússia. Ao romper essa relação, os Estados Unidos pretendiam impedir o surgimento de um eixo eurasiano Berlim-Moscou que desafiaria seu domínio.

As sanções contra a Rússia, intensificadas desde 2014 (após a anexação da Crimeia) e intensificadas após 2022, foram projetadas para paralisar a economia russa, isolá-la diplomaticamente e abrir caminho para o confronto com a China. O regime de sanções não funcionou e a economia russa não está paralisada nem isolada. Além disso, os avanços russos na frente ucraniana parecem inabaláveis. E também uniram o moral e o espírito de luta do povo russo.

Nisso, acompanhamos a importante e ponderada contribuição de Jesús Alberto García Riesco (coronel e cientista político espanhol): “*O Kremlin uniu a sociedade russa em torno do ‘medo de perder a tradição’ ou da ‘russofobia do Ocidente’*”.

O moral de combate — a vontade de vencer — é um conceito substancial na alma russa; os russos priorizam a comunidade em detrimento do indivíduo, e é por isso que estão dispostos a lutar para tornar seu país uma “*grande potência a ser reconhecida*” contra um Ocidente que, acreditam, os desrespeitou. A Ucrânia, também eslava, demonstrou coragem coletiva, mas sua vontade de vencer — baseada na participação cidadã entusiástica sem um Estado sólido — está enfraquecendo à medida em que perde o apoio de uma Europa que se recusa a entender que o conflito ucraniano também é sua guerra.

APOIO SOCIAL

Os russos priorizam a Rússia como potência temida e respeitada internacionalmente. De acordo com uma pesquisa recente realizada pelo Conselho de Assuntos Globais de Chicago, eles têm orgulho de seu país e apoiam a “operação especial” na Ucrânia. Os russos têm orgulho de seu país e apoiam a invasão da Ucrânia.

A maioria expressa orgulho de sua história (94%), de sua influência política no mundo (74%) e de suas conquistas culturais, militares e econômicas (88%, 82% e 57%, respectivamente); priorizam ser uma nação temida e respeitada (55%) em detrimento de um bom padrão de vida (41%), e três em cada quatro apoiam “*ações militares na Ucrânia*”, das quais acreditam que sairão vitoriosos (76%). Embora haja alguns sinais de que o apoio contínuo ao conflito possa estar diminuindo — 61% acreditam que é hora de iniciar negociações de paz, em comparação com 54% em 2024 — a ausência de deserções, motins e rendições em larga escala sugere que não houve nenhuma ruptura significativa em sua vontade de vencer.

Embora o imperativo de resistir à invasão russa não seja realmente questionado na Ucrânia, o compromisso maciço inicial está desaparecendo. Hrushetsk destaca que “apenas 43% da população está otimista quanto ao futuro do país, em comparação com 57% em 2024, e 47% acreditam que em dez anos o país será destruído e devastado por um êxodo em massa da população, em comparação com 28% no ano anterior”. Vigers, citando a Gallup, observa que “69% dos ucranianos acreditam que o fim da guerra deve ser negociado o mais rápido possível”. A confiança dos cidadãos no futuro da Ucrânia está em declínio.

A moralidade russa é baseada na espiritualidade tradicional (Dukhovnost), considerada o valor supremo que motiva os soldados a lutarem, portanto, nenhuma arma pode substitui-la; Golubyov observa que “ela atinge seu ápice quando os soldados compartilham a crença em Deus diante do perigo”.

Ele também nos diz: “A Ucrânia é uma sociedade pluralista que, diante da invasão russa, viu sua religiosidade aumentar, mas o confronto entre a Igreja Ortodoxa Russa e a Igreja Ortodoxa Ucraniana — um novo símbolo nacional — não fortaleceu a vontade de vencer. Apesar de tudo, os ucranianos continuam a demonstrar sua força moral: eles reconstruem, inovam, criam e avançam em meio à dor e à devastação, porque não se veem como vítimas da guerra, mas como protagonistas de seu destino.”

CONCLUSÃO

A cúpula de Tianjin e o memorando POS-2 não são o fim, mas sim o início de um realinhamento dos fluxos de energia na Eurásia. O desvio permanente do fornecimento de gás russo de Yamal — que era destinado à Europa Ocidental sob a *Ostpolitik* — para a China reflete o declínio geopolítico de Bruxelas e a subserviência da Alemanha aos interesses dos EUA. Para os Estados Unidos, o POS-2 representa um sério impacto em suas perspectivas de exportação de GNL, pois perde um importante mercado na China para o gasoduto russo. A visão de Brzezinski sobre o domínio americano na Eurásia — um dogma de longa data do *establishment* da política externa americana — deu lugar a uma Rússia resiliente, uma Índia desafiadora e uma China pronta para um domínio crescente na indústria manufatureira global. A arrogância do Ocidente plantou as sementes de sua própria marginalização, e o cenário energético global mudou irrevogavelmente.

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.